

Crônicas do Irã



Por JOÃO LANARI BO*

Comentário sobre o filme dirigido por Ali Asgari e Alireza Khatami, em exibição nos cinemas

*“Então o sol esfriou e a fertilidade deixou a terra”
(Forough Farrokhzad).*

Crônicas do Irã é o título simplório para o filme realizado em 2023 por Ali Asgari e Alireza Khatami: o título original, tirado de um poema de Forough Farrokhzad, seria “Versos Terrestres”. Farrokhzad, escritora e também cineasta, nasceu em 1935 e morreu em 1967, vítima de acidente de carro. *Sua escrita interpretou a experiência cotidiana sem intenção de guiar, educar, liderar...é um retrato acurado de dor e prazer de toda uma geração experimentando mudança radicais*, como diz uma de suas leitoras, Farzaneh Milani.

As operações mentais de linguagem que resultam nos títulos traduzidos de filmes, para além dos objetivos comerciais, merecem sem dúvida estudos à parte: neste caso, infelizmente, espelhou um empobrecimento. A distribuidora nos EUA escapou da armadilha e lançou o produto como “Terrestrial Verses”. A homenagem dos diretores a Forough não é circunstancial – rebete, a um só tempo, a perspectiva da tradição modernista do poema e a do cinema iraniano pós-1979, atentando para a contemporaneidade do autoritarismo teocrático da República Islâmica iraniana.

Tudo isso, mal resumindo, *sem intenção de guiar, educar, liderar...* Um retrato minimalista e poético que capta, por um breve lapso, pequenas e fugazes interações daquilo que se convencionou chamar de mentalidades, com toda a carga histórica que o termo sugere. São nove episódios ou vinhetas em “**Crônicas do Irã**”, nove personagens: câmera fixa, alguém sendo interrogado ou interrogada, um único olhar, o ponto de vista do espectador compartilhado com o ponto de vista da autoridade que interroga. Em princípio, não há edições dentro de cada interrogatório – o tempo da performance é um tempo real, ficção e documentário se fundem numa síntese improvável.

No primeiro, vemos um jovem diante de um tabelião insistindo no nome que ele e a esposa querem dar ao recém-nascido – Davi. O funcionário recusa, não é um nome islâmico, ou iraniano, ou coisa que o valha: e pergunta, *qual é o seu autor favorito?* Gholam Hossein Saedi, responde o jovem. Uma *private joke* para a audiência iraniana, Gholam é de fato um escritor de esquerda inimigo do regime, exilado em Paris depois de 1979, informa a Wikipedia. O burocrata parece não perceber a ironia e insiste, sempre oculto no contracampo, *porque não apenas Hossein?* O jovem responde que Hossein é árabe, não iraniano.

Na sequência, em um shopping que respira ares do capitalismo demoníaco do Ocidente, Selena: ela tem oito ou nove anos, porta fone de ouvido e dança na batida TikTok, com blusa Mickey Mouse. Extracampo, vozes femininas discutem vestimenta apropriada para algum evento, algo que cubra o corpo e os cabelos, um véu, o famigerado *hijab*. Selena entra e sai do quadro, até que seu corpo transfigure o corpo islâmico, automatizado. A mãe reluta, mas aceita a transformação. Terminada a provação, a garota se livra da indumentária excessiva e volta ao TikTok.

a terra é redonda

Aqui, o óbvio ululante, diria Nelson Rodrigues – o pedaço de pano conhecido por [hijab](#) é o artefato mais politizado em cena nesse formidável país que é o Irã, um dos celeiros culturais da humanidade (os gregos antigos sabiam disso). A prisão e morte da jovem curda Mahsa Amini, em 2022 – seguida de protestos maciços e execuções patética e macabras – deu-se pelo uso incorreto, de acordo com a polícia religiosa, do hijab. São quase 90 milhões de iranianos e iranianas cujo futuro político passa por esse singelo pedaço de pano. Tornar seu uso opcional é a proposta ousada dos reformistas.

Em outro episódio, a motorista de aplicativo Sadaf, de 20 e poucos anos, tenta recuperar seu carro retido pelo DETRAN local – ela foi flagrada pelas câmeras de vigilância sem o hijab. Sadaf insiste no seu direito à privacidade, mas a interlocutora ignora e se apressa para o almoço.

No próximo, outra jovem, Faezah, constrangida e tímida em uma entrevista de emprego, poderia trabalhar sem o hijab (trata-se de uma empresa privada). A generosa oferta, entretanto, esconde um propósito grosseiramente sexista – a transgressão do cânone religioso funciona como estopim de sedução predatória.

Não é de hoje que a vida não está fácil para os cineastas iranianos – e não seria diferente para Ali Asgari. De volta a Teerã depois de exibir “**Crônicas do Irã**” em Cannes, teve seu passaporte confiscado para impedir participação em festivais internacionais e, pior, foi ameaçado de prisão, sobretudo se persistir com o desejo de dirigir filmes (Alireza Khatami reside no Canadá e ficou de fora da sanha repressiva).

As vinhetas que se sucedem no filme de Asgari e Khatami sugerem, em última análise, um jogo especular de repressões e cerceamentos – dentro e fora do filme que passa diante dos nossos olhos.

***João Lanari Bo** é professor de cinema da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Autor, entre outros livros, de Cinema para russos, cinema para soviéticos (*Bazar do Tempo*). [<https://amzn.to/45rHa9F>]

Ficha técnica

Direção: [Ali Asgari](#), [Alireza Khatami](#)

Roteiro [Ali Asgari](#), [Alireza Khatami](#)

Elenco: [Servin Zabetiyan](#), [Sadaf Asgari](#), [Faezeh Rad](#)

Título original Ayeh haye zamini

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA